

**DUAS VEZES DOIS IRMÃOS- ANÁLISE COMPARATIVA DA OBRA DE
HATOUM NA LITERATURA E NOS QUADRINHOS**

Maria Luísa Fontenele de Paula¹

Resumo

Dois irmãos, obra literária do escritor amazonense Milton Hatoum, é a história de Yaqub e Omar, irmãos gêmeos que, desde cedo e pelas circunstâncias de sua criação, passam a odiar-se. Após quase quinze anos, a premiada obra literária ganha a versão da *graphic novel* através dos ilustres quadrinistas Fábio Moon e Gabriel Bá. O objeto de estudo, portanto, é a análise da estrutura narrativa da obra literária transcodificada para os quadrinhos, através do método da análise comparativa proposta por Tzvetan Todorov e Roland Barthes.

Palavras-chave: Narrativa. Literatura. *Graphic novel*. Transcodificação. Hatoum.

INTRODUÇÃO

Diante de inumeráveis narrativas do mundo, distribuídas por diversos gêneros, codificadas pelo homem em todas as épocas, sociedades e linguagens (BARTHES, 2013, p.19), determinar qual ou quais melhor representa um ou outro povo, tempo e classe restaria tarefa infrutífera. Abraçar um gênero representado por determinado autor, traduzido em código capaz de fazer alguém gostar e, acima de tudo, consumir, também não faz de você um ser diferente. Contudo, mediante os inumeráveis meios e formas de difusão culturais que se ofertam nesses tempos, encontrar um público fiel e consumidor da arte literária que se faz, transforma em suprasumo qualquer artista que faça sucesso fora dos meios de comunicação de massa.

Hatoum, Moon e Bá não se assemelham pelos gêneros que dominam, mas por fazerem sucesso apesar disso. Hatoum, embora formado em arquitetura e originário de um eixo fora do

¹ Aluna do Programa de Mestrado em Comunicação da USCS. luisafontenele@hotmail.com

circuito cultural Rio-São Paulo, conseguiu por mais de uma vez o maior prêmio literário distribuído no Brasil, o Jabuti, inclusive pela obra em análise.

Moon e Bá, apesar de iniciarem suas carreiras quando começa a era da internet e da geração Y, ganham notoriedade não apenas no eixo Rio-São Paulo, mas em especial no país de maior público consumidor do planeta, os Estados Unidos da América.

Logo, escolher referidos autores já se justificaria por si mesmos. No entanto, quando a arte de uns – Moon e Bá – encontra na do outro – Hatoum – expressividade para além do que foi dito sem dizer menos, cede-se ao desejo de buscar os pontos em que as artes se entrecruzam e conseguem dizer o mesmo de forma diferente, ou não.

Se cada obra é única, mas a escolha de gênero ou artista depende do gosto pessoal de cada um, devo confessar que conhecer Hatoum em nada acresceu ao gosto consolidado pela literatura. No entanto, quando este me foi apresentado ainda em Manaus, por meio de *Relato de um certo Oriente*¹, passou a configurar na minha lista pessoal de referência de boa literatura.

As Histórias em Quadrinhos² tornaram-se uma paixão fulminante quando as cores, figuras e sonhos do Mundo Disney me foram presenteados em forma de uma “revistinha” para passar o tempo, ainda criança, durante um período de férias. Embora arrefecida, a paixão específica espalhou-se e “plantou raízes” na Literatura em geral e em especial na brasileira.

O desafio aqui posto de buscar inovações em Comunicação faz somar um a outro gosto, mesmo que ambos redundem em conteúdo, porém em formas distintas: fazer a análise da obra *Dois irmãos*- a literária, de Milton Hatoum e a *graphic novel* dos irmãos Moon e Bá, cujo título foi mantido na adaptação.

1. Sua estreia na ficção em 1989 e vencedor do prêmio Jabuti de melhor romance do ano.

2. Como o fulcro do trabalho não engloba discutir as nomenclaturas distintas, aqui se opta por Histórias em Quadrinhos, ou HQs e *graphic novel* para a adaptação em específico, opção dos editores.

Em síntese, *Dois irmãos* é a história de Yaqub e Omar, irmãos gêmeos que, desde cedo e pelas circunstâncias de sua criação, passam a odiar-se. Aos treze anos, após uma briga na qual Omar fere Yaqub, este é enviado ao Líbano, onde permanece até os dezoito. Ao retornar ao Brasil e a Manaus, Yaqub planeja não apenas recuperar o tempo perdido em uma aldeia longínqua do Líbano, mas atrapalhar os tão e sempre facilitados caminhos do Caçula, especialmente pela mãe destes, Zana.

O objeto de estudo, portanto, é a transcodificação da obra literária para os quadrinhos, através do método da análise comparativa. Tal se justifica se não pelo ineditismo da empreitada, mas pela possibilidade de estudar o fazer criativo de artistas da importância de Hatoum, Moon e Bá, ainda mais quando estes, embora por meio de linguagens distintas, se entrecruzam por meio de um mesmo objetivo: contar a história de dois irmãos que se odeiam.

Assim, a análise de conteúdo, a partir da transcodificação da literatura para os quadrinhos, centrar-se-á na narrativa com base na análise estrutural proposta por Roland Barthes e Tzvetan Todorov. Para tanto, verificar-se-ão quais recursos, no plano narrativo dos quadrinhos, são utilizados pelos irmãos Moon e Bá a fim de caracterizar a história e o discurso narrativo da obra transcodificada. No plano linguístico, além da contribuição de Roman Jakobson, apoiar-se-á na obra de Mikhail Bakhtin acerca dos gêneros do discurso, a partir de sua *Estética da criação verbal*, a fim de entender o fio condutor deste, o discurso, em uma e outra obra, a literária e a em quadrinhos. Como contributo para a análise em quadrinhos, apoiar-se-á especialmente na obra de Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos, pois assim fechar-se-á o intento aqui pretendido.

I- ANÁLISE ESTRURAL DA NARRATIVA EM DOIS IRMÃOS- LITERATURA

A definição simplista de narrativa como descrição de uma série de atos por meio da linguagem escrita pode não considerar a evolução da literatura, e nem evidenciar o “aspecto singular, artificial e problemático do ato narrativo” (GENETTE, 2013, p.265). Ademais, os primeiros estudos em meados do século XX, pautados no que se convencionou chamar

Formalismo russo, preocuparam-se inicialmente apenas com a literalidade narrativa. Deve-se, portanto, estudar não a obra, “[...] mas as virtualidades do discurso literário [...] assim que os estudos literários poderão tornar-se uma ciência da literatura” (TODOROV, 2013, p. 218).

Mesmo em concordância parcial com o reproduzido acima, essa parte do estudo segue os dois primeiros pontos de *As categorias da narrativa literária*, proposta de Todorov.

1. A narrativa como história

Nesse ponto cabe a advertência feita por Todorov (2013, p.222) de que a história é uma convenção do escritor, abstraída por um narrador sem, contudo, corresponder “a uma ordem cronológica ideal”.

Em *Dois irmãos*, isso resta claro primeiro por se apresentar uma espécie de introdução aos doze capítulos, cujo conteúdo, ao contrário de sinalizar para uma síntese da obra, sintetiza e antecipa o destino de uma das personagens, Zana, descrito apenas no penúltimo e antepenúltimo capítulos.

a) Lógica das ações

Nesse ponto Todorov adverte que (2013, p. 222-229), se consideradas as ações por elas mesmas, não de se antecipar na narrativa, antes mesmo de qualquer modelo de análise, as repetições. Tais repetições se determinariam por meio de antíteses-contraste, gradação-para evitar a monotonia e paralelismo-elementos semelhantes e diferentes/idênticos e dissemelhantes.

Os modelos propostos para a lógica das ações, contudo, são o triádico e o homológico. No primeiro considerar-se-iam três elementos obrigatórios, de “situações essenciais na vida” em cada micronarrativa, e cada narrativa seria composta por dezenas de micronarrativas. O segundo modelo considera haver uma dependência entre os elementos que compõem a sucessão narrativa.

Embora o próprio Todorov reconheça poder haver narrativas em que o autor não siga nenhum modelo específico, ou mesmo que haja mais de uma estrutura na narrativa em estudo (20013, p. 229), é importante conhecer a técnica e testar os resultados.

É isso que se tenta em *Dois irmãos*. Pela engenhosidade da construção das ações, reconhece-se ser difícil seguir um modelo único. Quando muito se arriscaria enquadrar a obra no modelo triádico. No entanto, é pertinente a colocação do próprio Todorov ao reconhecer a possibilidade de haver narrativas cujas ações não sigam uma lógica “modelável” específica, mas que nelas caibam tantos modelos quanto seja a engenhosidade do autor.

b) Os personagens e suas relações

O herói é necessário ou não à história? Todorov (2013, p.230) começa reproduzindo a fala de um autor para quem a resposta é não. Contudo, reconhece o fato de que a tendência moderna em literatura à secundarização das personagens se contrapõe à clássica.

Para entender essas relações, indica alguns parâmetros (TODOROV, 2013, p. 231-240), denominados como predicados de base (desejo, comunicação e participação), que sustentarão algumas regras:

b.1. *A regra da oposição*- cada predicado de base apresenta seu oposto;

b.2. *O ser e o parecer*- ao se distinguir essência de aparência, algumas duplicidades de personalidade podem ser percebidas;

b.3. *As transformações pessoais*- devem ser consideradas a partir da personagem como sujeito ou objeto dos predicados de base.

Se aplicarmos de forma aleatória e sintética as regras a partir dos predicados de base em *Dois irmãos*, teremos: A (Yakub- irmão gêmeo de B), B (Omar) e C (Zana- mãe de A e B) em que C ama B em nível do ser e parecer, mas ama A apenas no nível do ser, daí o conflito principal da obra: o amor incondicional e explícito a um filho (B), potencializa em A uma série de transformações inesperadas no decorrer da narrativa.

Tomando-se o predicado de base desejo para analisar a relação entre C e A, teremos: o suposto amor maternal em essência de C, mas não aparente, faz de A indiferente e rancoroso em relação a B e C.

Portanto, aplicando-se outra regra de análise, a do passivo: se A sente que não é amado por C, mas esta explicitamente demonstra seu amor por B, logo A, indiferente a C, passa a odiar B, e faz desse ódio suporte para atingir a ambos.

2. A narrativa como discurso

Aqui Todorov (2013, p. 241- 257) propõe partir da narrativa como discurso do narrador dirigido ao leitor através dos elementos abaixo:

a) O tempo da narrativa

Nesse ponto adverte-se o óbvio: “O tempo do discurso é, em certo sentido, um tempo linear, enquanto o tempo da história é pluridimensional. [...] Mas a maior parte do tempo o autor não tenta encontrar esta sucessão ‘natural’ porque utiliza a deformação temporal para certos efeitos estéticos” (TODOROV, 2013, p. 242).

Além da deformação temporal, há o processo de encadeamento (justaposição de diferentes histórias), alternância (contar duas histórias ao mesmo tempo) e encaixamento (inclui-se outra história no curso daquela a ser contada).

Nessa obra, Milton Hatoum foi magistral. O que se convencionou chamar de introdução aos doze capítulos antecipa fatos ocorridos após o décimo capítulo: perda de um bem significativo para Zana- a casa, e sua morte. Além disso, a narrativa justapõe a história de ódio entre dois irmãos à história de como Halim chega ao Brasil, vindo do Líbano, finca raízes em Manaus e conquista Zana (encadeamento); narra ao mesmo tempo o retorno de Yakub ao Brasil, já com dezoito anos, e de como foi preterido para ser enviado ao Líbano (após uma briga com o irmão Omar) no início da adolescência (alternância), segundo capítulo; ademais, e ao longo da narrativa, o leitor toma conhecimento da história do narrador-personagem Nael (encaixamento).

b) Os aspectos da narrativa

Toda narrativa flui a partir de um “olhar” exterior do leitor, a partir do autor e através do narrador. “Mais precisamente, o aspecto reflete a relação entre um ele (na história) e um eu (no discurso), entre personagem e narrador” (TODOROV 2013, p. 246). Daí Todorov elencar os tipos de narrador:

b.1. Narrador > Personagem (a visão “por trás”)- o tipo que detém todos os poderes do discurso narrativo, pois sabe mais que seu personagem;

b.2. Narrador = Personagem (a visão “com”)- este narrador iguala-se aos demais personagens, visto não ter poderes de antecipar detalhes da narrativa;

b.3. Narrador < Personagem (a visão “de fora”)- funciona como personagem neutra, já que sabe menos que outras personagens.

Aplicando-se o modelo proposto a *Dois irmãos*, conclui-se que Nael personifica o modelo b.1. Afinal, este conduz a história, desde a introdução, seja em terceira, seja em primeira pessoa, e antecipa fatos alheios a ele próprio, como ocorre na introdução, ao narrar a morte de Zana; mais adiante, nono capítulo, dedicado a Domingas, sua mãe, o leitor científica-se de seu parentesco.

II-DOIS IRMÃOS- GRAPHIC NOVEL

Na parte introdutória à obra *A novela gráfica*, sobre HQs, Juan Antônio Ramirez pergunta-se: “Em que departamento se há de incluir uma *literatura desenhada*, cuja parte idiomática está concebida para sua tradução? Como pagar tributo adequadamente a modalidades narrativas em que o grafismo, ou seja, o componente visual é tão importante?” (GARCIA, 2021, P. 10).

O próprio, mais adiante, esclarece que, em virtude desse vácuo, tentou-se desqualificar essa arte. Isso por se tentar enquadrar as HQs numa espécie de literatura. Para um dos maiores estudiosos brasileiros, embora seja possível aplicar a teoria literária para análise de sua estrutura narrativa, “Histórias em quadrinhos não são literatura.” (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p.132). Exemplificam com a obra adaptada por Moon e Bá de Machado de Assis, *O alienista*. Reiteram: não é literatura em quadrinhos, mas versão de uma obra literária para quadrinhos.

Portanto, à semelhança do que fizeram na obra *O alienista*, Moon e Bá adaptaram *Dois irmãos* para os quadrinhos. Como a estrutura narrativa (história e discurso) é a mesma da obra literária, convém não repetir o óbvio, respeitadas, claro, as proporções e formato de cada obra.

III- ANÁLISE DA TRANSCODIFICAÇÃO³

Barthes (2013, p. 61), para contextualizar um dos pontos de seu estudo sobre narrativa (mimesis e significação), dispõe sobre a liberdade criativa do narrador, no entanto limitada, pois “entre o código forte da língua e o código forte da narrativa, estabelece-se, caso possa ser dito, um vazio: a frase.”

Se o código forte na narrativa literária é o código verbal, e o código forte na narrativa em quadrinhos é o não-verbal; se a narrativa em quadrinhos diminui o verbal e aumenta o visual/não-verbal, então haveria um vazio entre as duas narrativas, após um processo de transcodificação por se dizer menos no plano verbal ou não?

Ao tratar dos aspectos linguísticos da tradução, preleciona Jakobson (2010, p.80): “Para o linguista como para o usuário comum das palavras, o significado de um signo linguístico não é mais que sua tradução por um outro signo que lhe pode ser substituído[...]”. Então se poderia dizer que a mudança de signos não altera o significado de uma obra por conta do processo de transcodificação?

Em sua *Estética da criação verbal*, ao tratar do problema do texto, estatui Bakhtin (2000, p.330): “Quaisquer que sejam os objetivos de um estudo, o ponto de partida só pode ser um texto”, pois, segundo ele, este “é o dado primário de todas as disciplinas das ciências humanas[...]”. Ora, o texto verbal, como dado primário da narrativa literária, é capaz de significar ao leitor mais, menos ou na mesma medida que o não verbal em uma história em quadrinhos?

3. Jakobson (2010, p. 81) considera haver três formas de interpretar os signos verbais: traduzi-los em outro signo da mesma língua, para outra língua, ou em um não verbal. Ao último denomina: “A *tradução intersemiótica* ou *transmutação* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais.”

Sintetizam-se, portanto, as proposições analisadas no item I, agora numa perspectiva da transcodificação.

1. A narrativa como história

A narrativa de *Dois irmãos* literatura para o formato *graphic novel* não sofre alterações substanciais, permanece fiel à proposta de contar a história dos irmãos gêmeos, de origem libanesa, residentes na Manaus do início do século XX, separados aos treze anos não somente pela distância entre Brasil e Líbano, mas pelo rancor crescente de Yakub contra a mãe Zana e ódio pelo irmão Omar.

1.1. A lógica das ações - Obedece aos mesmos critérios narrativos já apresentados. Os cartunistas conseguiram captar, através do signo visual, e por condensamento, a estrutura narrativa da proposta literária. O menos do signo verbal compensa-se pelo mais do não verbal.



<http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/blog/2015/07/01/critica-hq-dois-irmaos-de-fabio-moon-e-gabriel-ba>.

A cena acima, contida na terceira folha⁴ do primeiro capítulo da *graphic novel*, sintetiza em apenas um quadro e dois retângulos de narrativa o que na literária o autor necessitou de alguns parágrafos.

Além disso, a mesma imagem é recuperada na última folha do capítulo onze, no entanto com um único retângulo narrativo:

*O que Halim havia desejado com tanto ardor,
Os dois irmãos realizaram: nenhum teve filhos.*

Ou seja, a lógica das ações no processo criativo, seja na literatura, seja nos quadrinhos, obedece à lógica do artista. Não há receita, há criatividade.

1.2. Os personagens e suas relações – A descrição, por meio da arte gráfica, de lugares e pessoas cuja existência estava apenas no imaginário (para quem já conhecera a narrativa literária), ou cuja existência passa do real para o narrativo literário ou gráfico (descrição de Manaus), compensa-se do menos dito pelo mais visto. Afinal, o que na narrativa literária se apreende após a leitura de uma página, na descrição gráfica consegue-se “ver” em três sequências e com um balão e dois retângulos com “falas”.

Capta-se na *graphic novel* o mesmo círculo de relações da narrativa literária *Dois irmãos*. As personagens primárias preenchem, no enredo gráfico, a mesma proposta do enredo literário, respeitadas as devidas proporções artísticas. Ou seja, se usado algum predicado de base como parâmetro para análise da relação entre Yakub, sua mãe e irmão, como feito para a narrativa literária, o resultado não será diferente.

2. A narrativa como discurso

No discurso narrativo literário, o leitor é levado a uma abstração a partir de um universo imaginário criado pelo narrador, que detém o poder da “fala” (TODOROV, 2013, p.241). No

4. Como as páginas da *graphic novel* em análise não são numeradas, optou-se por identificar as cenas por folha e capítulos.

caso da *graphic novel*, esse poder às vezes supremo, divide-se com o leitor, agora capaz de, por si mesmo, julgar fatos, ações e sentimentos pelo que vê.

2.1. O tempo da narrativa – Considerando-se o já dito antes, que o tempo da narrativa é pluridimensional (TODOROV, 2013, p.242), e que a *graphic novel* não procura inovar o enredo original, percebem-se os mesmos elementos da narrativa literária: a deformação temporal, encadeamento, alternância e encaixamento. Afora uma ilustração panorâmica de alguns elementos e monumentos de Manaus nas duas primeiras folhas da narrativa (distintas da narrativa literária), a sequência temporal em quase nada difere.

Ex.1. “ZANA TEVE DE DEIXAR TUDO:” (HATOUM, 2006, p. 09)

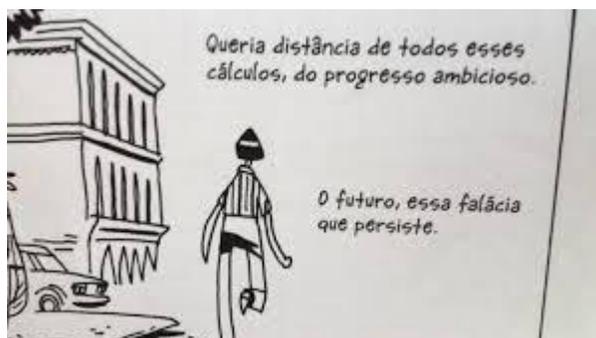
Zana teve de deixar tudo.

Ex.2. Retângulo (MOON, BÁ, 2015, folha 03).

Ou seja, consideradas as distinções sígnicas, e alguns pormenores como a caixa alta e os dois pontos da narrativa literária, ambos os trechos correspondem à mesma introdução ao primeiro capítulo já referida.

2.2. Os aspectos da narrativa – Um aspecto importante da narrativa literária centra-se no narrador, pois a partir de seu poder, o leitor pode ou não ser conduzido por ele. Na *graphic novel*, a exemplo da literatura, o narrador segue o tipo narrador > personagem com poderes supremos, aquele que vê “por trás” (TODOROV, 2013, p.246), sabe mais que seu próprio personagem.

A distinção, por certo, reside no fato de que na narrativa gráfica, Nael, nessa condição, se nos apresenta figurado. E a dúvida na narrativa literária quanto a quem seria o narrador, a qual persiste até os últimos capítulos, na *graphic novel* se antecipa na segunda folha do terceiro capítulo.



<http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.garotasgeeks.com>

E por conta dessa “antecipação” visual da figura do narrador, sabe-se que não apenas a imagem, mas também a narrativa-fala acima pertencem a ele, contida no último quadro da quarta folha do capítulo onze.

IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a intenção inicial fosse fazer uma análise considerando principalmente a estrutura proposta por Barthes, concluiu-se que, para este tipo de trabalho, a tarefa restaria infrutífera pela complexidade do objeto. Optou-se, então, aplicar apenas a estrutura de Todorov.

Após a análise, e se concluir que a *graphic novel* seguiu a estrutura narrativa literária, salvo naquilo que lhe é específico, poder-se-ia estabelecer que *Dois irmãos, graphic novel*, inovou em algo? Por óbvio que sim. A proposta era fazer uma versão para o formato HQs seguindo o enredo original, contudo a inovação fica por conta de como ampliar e comunicar uma obra literária para outros públicos.

Não se considera que o formato gráfico tenha desmerecido a história original. Pelo contrário, há o enriquecimento por se apresentarem ao leitor alguns aspectos que o imaginário nem sempre é capaz de obter, como a apresentação de alguns monumentos da cidade de Manaus, em que os quadrinistas conseguiram captar a riqueza dos detalhes.

Outro detalhe a ser observado foi o cuidado da sequência narrativa. Um capítulo não numerado, que detalhamos como introdução, mais doze capítulos na obra literária, foram

obedecidos. A única diferença na *graphic novel* fica por conta do capítulo doze, nominado como epílogo.

Além disso, todas as “falas” narradas (quase todas por meio do discurso indireto ou indireto livre em ambos os formatos) foram, na *graphic novel*, sintetizadas da narrativa literária, ou seja, os quadrinistas apenas adaptaram os trechos à sua própria narrativa.

A transcodificação da obra literária, que utiliza o código verbal, para o código não verbal não perde em essência. Ao contrário, nesse caso ganha em aparência. A finalidade artística, nesse e em outros casos de transcodificação, não é reproduzir fielmente a obra. Se assim o fosse, onde ficaria o espaço criativo de cada artista, seja o literário, seja o gráfico?

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARTHES, Roland [et al.]. **Análise estrutural da narrativa**; Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- _____. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- GENETTE, Gerard. **Fronteiras da narrativa**. In: BARTHES, Roland [et al.]. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- JAKBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2010.
- MOON, Fábio; BÁ, Gabriel. **Dois irmãos**- baseado na obra de Milton Hatoum -1ª ed.- São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2015.
- PIETROFORTE, Antônio Vicente Seraphim. **Análise textual da história em quadrinhos: uma abordagem semiótica da obra de Luiz Gê**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.
- TODOROV, Tzvetan. **As categorias da narrativa literária**. In: BARTHES, Roland [et al.]. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (orgs.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2012.